

PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

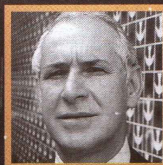


Principalmente depois da inauguração, começaram a chegar à cidade famílias já formadas. A dificuldade era grande, a cidade ainda estava em construção e a infraestrutura era precária. Mas o mal da solidão começava a ser amenizado. Nesta edição de *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, contamos, entre outras, lembranças de dois pioneiros que chegaram crianças à cidade e que, num misto de susto, liberdade e diversão, falam sobre a vida na capital.

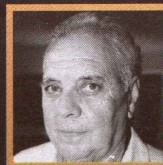
Ana Maria
Velloso



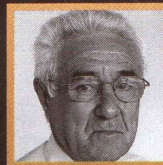
Franklin
Roosevelt



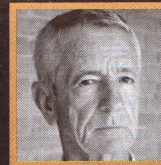
Luiz Carlos
Alvim Dusi



Raimundo
A. de Pinho



Walter
Bertolucci



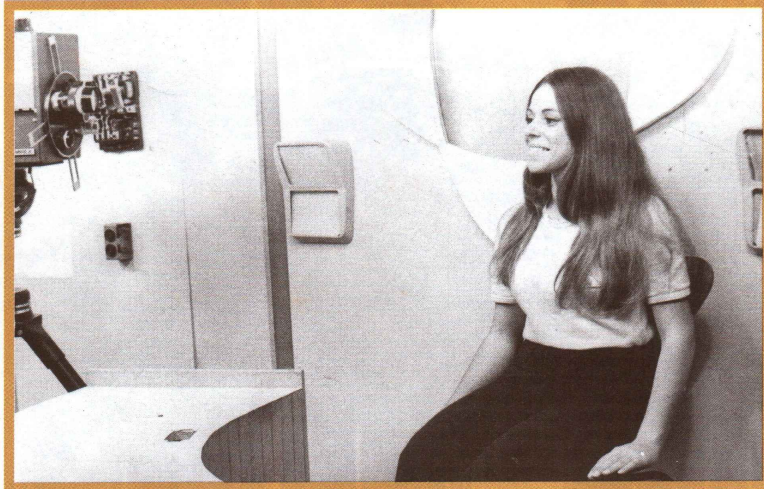
PIONEIROS



Ana Maria Velloso

Uma infância inesquecível de descobertas e liberdade

Arquivo pessoal



JÁ TOTALMENTE ADAPTADA À CIDADE, ANA FAZIA PARTE DO ELENCO DO PROGRAMA CARROSSEL, UM GRANDE SUCESSO NA CAPITAL

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Ana Maria Velloso é filha do militar Edgar Velloso, falecido há 10 anos. E, como ela mesma diz, “a vida de militar não permite que sejam criadas muitas raízes”. Por isso não é de se estranhar que, ao chegar a Brasília, em setembro de 1961, a menina de apenas seis anos já estivesse em sua terceira morada. Terceira e definitiva. “Nada mais me tira daqui”, afirma categórica, 42 anos depois. Nem mesmo o fato de sua mãe e três de seus quatro irmãos terem se mudado da cidade afastou essa jovem pioneira que ficou o pé em Brasília, aqui casou e teve suas duas filhas, Ana Cláudia e Renata.

Apesar da pouca idade com que veio para Brasília, Ana Velloso tem guardada na memória a primeira impressão de quando chegou à capital em um dos três ônibus que traziam militares em um comboio. A viagem de Campinas, cidade do estado de São Paulo onde Ana estava morando com seus pais e mais três irmãos (o caçula, Edgar Junior, já nasceu em solo brasileiro), era longa, mas “para menino, tudo é festa e a curiosidade de conhecer nossa nova casa era enorme”. A animação — marca registrada de Ana

— era muita, apesar das expectativas da menina não serem muito boas. “Ouvia meu avô materno dizer que meu pai ia trazer a filha e os netos dele para uma cidade fantasma, uma terra vermelha”, lembra Ana, que ficou decepcionada ao ver que os tais “fantasmas” não existiam.

Logo no caminho para a casa, na 306 Norte, Ana Velloso teve a primeira impressão da cidade. “Achei muito estranho passar pelo Núcleo Bandeirante e ver aquelas casas todas do mesmo tamanho e iguais”, conta. Essa impressão ruim da cidade foi logo substituída por uma positiva, de admiração. “Quando passamos pela Torre de TV, vários homens es-

tavam plantando a grama daquele local. Como eu nunca tinha visto nada ser plantado, aquela cena ficou na minha memória”, diz Ana Maria, ressaltando que prestou atenção também na quantidade de pessoas que se dedicavam àquela tarefa.

A surpresa maior com relação à cidade ainda estava por vir. Depois de atravessar o enorme Eixo Monumental e passar por estrada de terra na W3 Norte, a família chegava ao bloco K da 306 Norte, novo endereço dos Velloso. “Como quase toda na cidade, a quadra era nova e só havia dois blocos. Todos com apartamentos funcionais das Forças Armadas”, conta. Foi nes-

sa quadra de apenas dois blocos que Ana Maria passou a infância e pintou e bordou na companhia de amigos. Um dos passatempos prediletos dessa garotada era subir ao terraço do bloco e, lá de cima, apreciar as construções que surgiam a cada dia. “Vi quase toda a Asa Norte ser construída deste lugar. Uma das obras mais impressionantes para nossa turma foi a da Disbrave, que era enorme e cercada por vários tapumes”, diz. Outra brincadeira que fazia sucesso entre as primeiras crianças da 306 Norte era o finca, uma espécie de jogo onde o material era o que mais tinha na cidade: sobras de materiais de construção. “Pe-

gávamos sobras de ferro das construções e amolávamos no meio fio até sair fumaça e faísca. Depois desenhávamos no chão figuras geométricas. O vencedor era aquele que acertasse seu ferro no meio da figura”, explica Ana, divertindo-se ao lembrar que as marcas da perigosa brincadeira estão até hoje nos pés dos irmãos mais novos.

A infância em Brasília proporcionou a Ana e a seus quatro irmãos — todos mais novos que ela — um contato com a natureza que eles nunca tinham experimentado antes. “Sempre fomos muito urbanos. Quando chegamos aqui, nossa quadra tinha mais mata do que cimento.

PIONEIROS

Filha de militar, ela chegou à cidade com seis anos e nunca mais saiu. Aqui, ganhou liberdade, conheceu animais e árvores, experiências que sua vida urbana anterior não lhe permitira

A ALEGRIA DE TER VIVIDO A NATUREZA DO CERRADO, ANA QUER PASSAR PARA AS FILHAS ANA CLÁUDIA E RENATA



Tudo era muito novo”, conta, acrescentando que foi o cerrado que apresentou a ela animais como a paca e o coelho selvagem — “viamos coelhos aos montes” — e árvores como a goiabeira. Esta última, por sinal, passou a ser palco para muitas brincadeiras. A disputa era para ver quem pegava a goiaba na ponta dos galhos tortos das árvores típicas do cerrado. Ana era craque e, criativa, em uma das vezes bolou um jeito infalível para ganhar. “Fiz uma perna de pau com bambu e peguei as goiabas. O problema é que meu irmão foi tentar fazer igual, não conseguiu, caiu e se machucou”, lembra Ana, que acabou levando uma bronca da mãe.

O contato com a natureza era intensificado nos finais de semana, quando as famílias da quadra iam para o parque da Água Mineral acampar. “Os pais ficavam na casa do administrador enquanto a gente dormia em barracas de militares”, recorda-se com um certo ar de saudade do chimarrão e dos churrascos que alegravam aqueles dias.

A natureza acabou conquistando de vez Ana Velloso. Tanto que hoje ela mantém uma chácara na QI 29 do Lago Sul, onde repete o ritual de apresentação das árvores com as filhas. “Outro dia apresentei a elas um pé de jabuticaba carregado, paisagem que duas meninas criadas na cidade não têm muita oportunidade de ver”, conta uma mãe zelosa, que só lamenta que as filhas não tenham dado muita bo-

“**SEMPRE FOMOS MUITO URBANOS. QUANDO CHEGAMOS AQUI, NOSSA QUADRA TINHA MAIS MATO DO QUE CIMENTO. TUDO ERA MUITO NOVO**”

la para a novidade. “Minha esperança é que elas se interessem por essas terras mais tarde”, deseja Ana, que plantou 420 pés de açaí na chácara recentemente. “Daqui a oito anos vou estar co-

lhendo esses deliciosos frutos, cujas sementes trouxe do Maranhão”, planeja ela.

Veia artística

Além de se divertir, Ana Velloso trabalhava divertindo as outras crianças de Brasília. Aos 12 anos de idade ela integrava o elenco do programa infantil comandado pelo artista plástico Darlan Rosa. Depois disso ela foi para o comando de um marco para toda uma geração da cidade, o programa *Carrossel*, onde animava a garotada ao lado dos palhaços Cacareco e Linguíca. “Era tudo muito divertido. Eu colocava meus colegas para dentro do programa para eles nos assistirem”, conta Ana. O ápice do *Carrossel* era quando chegava o Natal e o Papai Noel vinha da Lapônia aterrissar em Brasília. “Sempre fazíamos festa para receber o helicóptero do Papai Noel no estádio Peleção, atrás do Carrefour Sul”, lembra. A alegria estava garantida até o próximo Natal.

O tempo foi passando e Ana foi crescendo, mas sem nunca deixar de lado essa alegria que permeia sua vida até hoje. Depois de ser a rainha dos baixinhos do cerrado, ela começou a brilhar em propagandas da Bi Ba Bô e da Casa Nordeste, duas lojas que são como marcas da memória brasiliense. Mesmo depois de adulta, Ana não deixou de lado seu jeito expansivo de ser. Foi radialista do Ministério da Educação, colunista social do jornal *Vanguarda* e titular do programa da TV Capital *Sociedade com Ana Velloso*. Já há 29 anos que ela pode ser encontrada na Universidade de Brasília, onde é chefe do cerimonial, atividade que, em fim de semestre, chega a consumir 16 horas diárias de Ana. A receita para tanta energia ela tem na ponta da língua: é a frase que encerrava o *Carrossel* na fase em que Ana Velloso já atuava como produtora do programa: “Tudo que é feito com amor tem mais qualidade”.

Raio X

Nome: Ana Maria Velloso
Idade: 48 anos
Origem: Santo Ângelo, Rio Grande do Sul
Profissão: Chefe do cerimonial da Universidade de Brasília
Ano de chegada a Brasília: 1961
Marido: Desquitada do jornalista Cláudio Bernardo
Filhas: Ana Cláudia e Renata



Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiaviccari, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



Franklin Roosevelt de Oliveira

Um tempo de muitas dificuldades e desenvolvimento

Arquivo Público

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A luta desse pioneiro na nova capital começou cedo. Aos 10 anos de idade, Franklin Roosevelt de Oliveira conheceu de perto o desafio que foi erguer do nada uma capital. Convidado pelo amigo e vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, para abrir um armazém de secos e molhados, o pai de Franklin — Geraldo Martins de Oliveira — decidiu dar um pulo até a Cidade Livre para verificar a possibilidade de instalar o comércio na região. Em janeiro de 1958, o pequeno Roosevelt desembarcava no descampado ao lado do pai e dos outros quatro irmãos. “Como aqui não tinha nada, meu pai achou melhor trazer primeiro os homens. Minha mãe e as irmãs ficaram lá em Anápolis”, lembra o pioneiro.

Logo na chegada, o menino sentiu na pele as dificuldades que o esperavam por essas terras inóspitas. Foi em cima de sacos de arroz e feijão estocados no armazém de madeira, localizada na 3ª Avenida, que ele e os irmãos dormiram na primeira noite. O vento frio do lado fora os ameaçava levar de volta ao conforto da cidade natal. “Naquele dia me deu vontade de voltar”, lembra o pioneiro. “Onde morava (Anápolis) era pequeno, mas tinha de tudo e bem próximo. Aqui não conhecíamos ninguém, além disso, era tudo muito distante”.



Para o banho, a água era esquentada no fogão. “Não eram todos que tinham energia elétrica em casa, e quem tinha usava só até as dez da noite”.

O conforto chegou aos poucos, com a construção de uma casa de madeira na mesma avenida onde funcionava o armazém, próxima ao mercadão Diamantina. Construída toda em madeira, a nova residência dos Oliveira era bastante confortável. Tinha três quartos, cozinha e banheiro. Com tudo pronto, era hora de trazer a mãe e as irmãs.

Medo e susto

As construções em madeira eram uma novidade para o novo morador, mas era também uma ameaça constante. O medo de incêndios era real para Franklin, que viu por várias vezes as chamas apagarem o sonho de muitas famílias. Um desses incêndios quase destruiu os fundos do armazém São Geraldo. “Tivemos que carregar toda a mercadoria e esvaziar o armazém com medo do incêndio, pois lá tinha muitos produtos inflamáveis, como querosene, álcool.”

Bem instalados, só faltava a escola. Foi no Ginásio Brasília (atual La Salle), na Av. Central, que Franklin se matriculou. Com o passar do tempo teve de mudar para o Colégio Noturno do Núcleo Bandeirante, o CNB. Lá, o jovem estudante passou por uma das mais terríveis experiências desde a sua chegada a Brasília. Localizado na 4ª avenida, “na beira do brejo”, próximo ao Ribeirão Riacho Fundo, o colégio — construído em madeira — quase foi levado por uma grande enchente. A inundação chegou

CONSTRUÇÃO DA ESCOLA CNB NA CIDADE LIVRE, ONDE O PIONEIRO ESTUDOU

às salas de aula. O diretor pediu para que os alunos empilhassem as mesas e cadeiras. “Vi até cobra passando do nosso lado. Trabalhamos até as duas da madrugada para salvar a escola”, lembra.

As dificuldades no colégio eram tantas que muitos alunos se encarregavam de trazer lampiões de casa para facilitar a leitura.

PIONEIROS

Com 10 anos, o menino de Anápolis chegou acompanhando o pai, que vinha abrir um armazém na cidade em construção. Aqui estudou, formou-se em Direito e criou a família

FRANKLIN CHEGOU CRIANÇA À CIDADE E NUNCA MAIS A ABANDONOU. NA FOTO, COM A MULHER E OS FILHOS EM COMEMORAÇÃO FAMILIAR

O alívio só chegou depois que a prefeitura construiu um novo prédio, o primeiro de alvenaria da região, próximo à igreja Dom Bosco, para onde os alunos foram transferidos.

Outro susto pegou Franklin de surpresa quando entregava as mercadorias para o pai, que fornecia alimentos para as cantinas das construtoras. A caminho da Pederneiras (construtora), ele e o cunhado passavam pela Avenida das Nações quando no meio de um temporal um raio atingiu o Fenemê — caminhão da Fábrica Nacional de Motores (FNM). “O raio apagou o motor e passamos mais de duas horas no local esperando por socorro”, conta o comerciante. “Até que enfim passou uma pessoa que nos ajudou. Mas o estrago foi tanto que não deu para levar a mercadoria. Tivemos de voltar para o Núcleo Bandeirante.”

A visita de JK

Aos 57 anos, o pioneiro ainda guarda boas recordações da infância na Cidade Livre, como a visita ilustre do presidente Juscelino Kubitschek ao armazém. “Juscelino sempre visitava as obras, andava pela cidade, e um dia apareceu lá no mercado com seu jipe e o motorista”, lembra o candango. “Meu pai tinha um daqueles bules grandes de café. Ele entrou, conversou um pouco e bebeu uma xícara, cercado de trabalhadores, numa simplicidade...”, acrescenta. Cinco minutos depois chegavam os seguranças. “O senhor não pode ficar saindo assim, presidente”, diziam os guardas. “Ele respondeu na maior tranquilidade: Não tem perigo, estou entre amigos”. A alegria e a satisfação daquele momento contagiaram a todos,



Testemunha ocular da construção da nova capital, Franklin também assistiu ao desaparecimento da Vila Amauri, onde está o lago, e ao surgimento das cidades-satélites do Gama e Sobradinho. A vila por onde o pioneiro costumava andar a cavalo foi totalmente coberta por água para dar forma ao lago.

Era impossível esquecer como o vilarejo desapareceu. Seu pai tinha uma filial na Vila Amauri e todos os dias eles davam uma passadinha no local. Aos poucos o lago foi enchendo e os moradores e comerciantes tiveram de se mudar. As autoridades davam duas opções. Ou para a região onde hoje está o Gama ou para Sobradinho.

A história de formação do lago também guarda fatos cômicos, como o do gerente do armazém — o Severino. “Ele morria de medo de cobra e com o desmatamento e o enchimento do lago Paranoá, elas saíam de-

baixo das tábuas para buscar refúgio no comércio e nas residências. No dia da mudança do armazém lá da vila, o Severino apareceu no Núcleo Bandeirante dizendo que iria embora de vez para o Piauí. Ele tinha encontrado cinco cobras debaixo das caixas e não queria nem saber disso aqui mais.” Além de cobras, os ratos também viviam assustando os comerciantes, que costumavam andar com espingardas para atirar no primeiro que aparecesse.

Medo e dificuldades à parte, a única diversão de Franklin na cidade era nadar e pescar no ribeirão, o mesmo que invadiu a escola, e no Vicente Pires, onde ele aprendeu a dar as primeiras braçadas. Fora isso, a diversão vinha de vez em quando fantasiada de circo e que fazia a alegria dos moradores.

A missa do “grande dia” — o da inauguração de Brasília — ele nunca esquece. “Meu pai

colocou todos nós dentro de um caminhão e seguimos rumo ao cruzeiro para assistir à missa”. Era gente de tudo quanto é lado. Uns de calças xadrez, botinas e chapéus. Outro detalhe chamou a atenção do adolescente: “tinha muitos homens e poucas mulheres”.

Mesmo sem tanto conforto, Franklin pegou gosto pela cidade. “Naquela época, a gente podia dormir com o armazém aberto, não havia furto”, lembra o comerciante, que chegou a ir ao Banco da Lavoura — atual Banco Real — com um saco daqueles de arroz cheio de dinheiro para depositar. O gerente do banco sempre retrucava. “O seu pai não tem jeito... já falei com ele para contar o dinheiro antes de me mandar”.

O amor do advogado pela cidade hoje está em toda parte, estampado nos adesivos com a frase *Eu amo Brasília*, que foi tema de sua campanha política tempos atrás.

“**COMO AQUI NÃO TINHA NADA, MEU PAI ACHOU MELHOR TRAZER PRIMEIRO OS HOMENS. MINHA MÃE E AS IRMÃS FICARAM LÁ EM ANÁPOLIS**”

Raio X

Nome: Franklin Roosevelt de Oliveira
Idade: 57 anos
Origem: Anápolis, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1958 (ele veio com o pai)
Profissão: Advogado
Esposa: Maria do Rosário
Filhos: Juliana, Frederico e Ariel
Alguns títulos: Medalha do Mérito Alvorada, Medalha do Mérito Candango, Ordem do Mérito Dom Bosco e Ordem do Mérito de Brasília



Luiz Carlos Alvim Dusi

O advogado do IAPI veio do Rio de Janeiro um dia. O sonho profissional

Esperança concretizada de um futuro melhor

Arquivo pessoal



LUÍZ COM A ESPOSA E AMIGOS, NO AINDA DESCAMPADO DE BRASÍLIA, A CAMINHO DO AEROPORTO

BIANCA CHAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A carreira de advogado não oferecia grandes oportunidades no Rio de Janeiro. Com o mercado saturado, Luiz Carlos Alvim Dusi, 71 anos, acredita que, se tivesse permanecido na Cidade Maravilhosa, nem tão cedo conseguiria tornar-se procurador. Mas a nova capital prometia progresso. Chances grandes de crescimento e sucesso profissional para aqueles que arriscassem enfrentar as dificuldades de uma cidade recém-inaugurada, construída no Centro-Oeste, uma região até então pouco conhecida pelos brasileiros.

Dusi trabalhava como auxiliar de procurador na Procuradoria do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriais (IAPI), no Rio de Janeiro, quando o órgão abriu inscrições para os voluntários que quisessem partir para o novo Distrito Federal. Por coincidência, a lista havia sido aberta para preenchimento logo depois de o advogado ter conhecido Brasília, em janeiro de 1960. "Me empolguei com o ritmo de trabalho daqui", conta. "A cidade não parava, e até de madrugada os candangos permaneciam trabalhando para que Juscelino Kubitschek inaugurasse a capital no tempo programado", completa.

Mesmo com os benefícios

oferecidos às pessoas que aceitassem mudar-se para cá — salário em dobro e moradia barata —, muita gente não acreditava na consolidação da nova capital. Dusi não imaginava o desenvolvimento que a cidade atingiria 44 anos após sua inauguração, mas apostava no projeto de JK. "Até então, os governantes investiam apenas no litoral do país", diz. "Eu também tive algumas dúvidas, mas acabou o projeto de JK maravilhoso", conclui. O maior opositor da mudança da capital para o interior chamava-se Carlos Lacerda. "Na época da construção da Be-

lém—Brasília, por exemplo, Lacerda criticou o projeto duramente, dizendo que a rodovia levaria o nada a lugar nenhum."

A mudança para o Planalto Central foi um presente de aniversário para o advogado. No dia em que completava 28 anos de idade (20/05/60), Dusi e os colegas Sully Alves de Souza e Flávio Laburió Barroso (falecido) deixaram o bairro do Leblon, no Rio, a bordo de uma Kombi em direção ao Distrito Federal. A viagem demorou três dias. Aqui, Dusi continuaria auxiliando a procuradoria do IAPI, que contava ao todo com quatro procuradores em

Brasília. No início, a Comarca de Planaltina tinha jurisdição aqui, fazendo com que o advogado se deslocasse para a cidade algumas vezes. "Uma semana após minha chegada, fui até lá", recorda. "Lembro que ainda não havia a ponte do Braguetto porque o lago ainda não havia enchido por completo."

Coréia

No Rio de Janeiro, Dusi já era novo de Marilda Nepomuceno, mas a partida não causou problemas ao casal. "Ela também era advogada e me incentivou bastante porque as perspectivas de traba-

lho lá eram mesmo ruins", afirma. Até o casamento dos dois, em setembro de 1960, Dusi morou em um dos apartamentos do IAPI na quadra 410 Sul. "Na época, a quadra chamava-se Superquadra Dupla (SQSD)", revela. A SQSD 409/410 Sul era apelidada pela população local de Coréia, fruto de uma comparação do Eixão ao Paralelo 17 da Guerra travada naquele país.

Diferentes dos apartamentos JK (janela e kitinete), que ficavam na quadra vizinha, os apartamentos do IAPI tinham dois quartos. Por causa disso, Dusi pôde receber o irmão, o médico Maurício Dusi, e a família, que se mudaram para cá na semana seguinte a sua mudança. "O berço do meu sobrinho era improvisado em um baú de roupas", diverte-se.

Na mesma época, cerca de 150 funcionários do instituto mudaram-se para a quadra por determinação de JK, que queria todos os representantes das administrações dos órgãos públicos instalados definitivamente na nova capital.

A quadra 410 era um canteiro de obras. A energia elétrica era provida por um gerador que ficava ao lado do apartamento de Dusi: "Só tínhamos luz entre 6h e 24h, mas eu preferia ficar no escuro do que ouvir o barulho do gerador funcionando".

o do Rio de Janeiro, em 1960, com a esperança de se tornar procurador
 onal foi realizado, assim como a alegria de constituir família

**OS SONHOS REALIZADOS
 NA CAPITAL SÃO
 DIVIDIDOS E
 VIVENCIADOS COM A
 MULHER E OS FILHOS**

O escritório do IAPI ficava no início da quadra 409, no antigo bloco 33. Dava para ir a pé, mas como era encarregado de fazer trabalhos na rua, Dusi ficava com a caminhonete do órgão à sua disposição. "A lama era tanta na porta de casa, que várias vezes era impedido de sair no horário planejado porque o automóvel estava atolado", revela.

Depois do casamento, realizado no Rio, Marilda e Dusi viveram juntos na 410 Sul por três anos. Antes da chegada da esposa, Dusi almoçava na 104 Sul, na cantina do acampamento do IAPFESP, outro instituto responsável por algumas construções em Brasília. Com a vinda de Marilda, o casal passou a receber marmittas de uma senhora, D.Maria (não se recorda do sobrenome), com quem mantiveram contato por vários anos.

Desconfiança

Depois da inauguração de Brasília, o ritmo das construções aqui diminuíram. Isto era perceptível para todos que aqui viviam. As críticas à mudança da capital federal nos outros estados continuavam. Dusi recorda de um engenheiro do Rio de Janeiro que disse na imprensa que o Lago Paranoá nunca encheria porque o terreno daqui era muito poroso. Em maio, o lago atingiu a cota mil.

Outro caso, mais engraçado, diz respeito à instalação da telefonia aqui. Um inimigo de JK, Gustavo Corção, disse que seria impossível fazer uma ligação telefônica de Brasília para o Rio. "Comentava-se que a primeira ligação originada aqui foi para a casa dele", brinca.



De fato, Brasília demorou a ser concluída após a saída de JK. Até o final da década de 60, Dusi conta que a W3 ainda estava incompleta. Apenas uma parte era iluminada. O comércio das quadras 409 e 410 Sul, por exemplo, só começou a ser ocupado a partir da década de 70. A avenida L2 Sul, por algum tempo, era pouco utilizada. "Quando me mudei para cá, a avenida era apenas uma pista dupla, muito diferente de hoje", descreve.

O desenvolvimento de algumas áreas de Brasília, como o Lago Norte, por exemplo, por vários anos foi desacreditado. Quando o primeiro loteamento dali foi lançado, os terrenos eram vendidos em 36 vezes sem juros, a preços muito baratos, e era difícil arrumar quem comprasse. "Eu tinha dinheiro na época para fazer o negócio e não quis", arrepende-se.

Mesmo assim, Dusi só teve medo de que a cidade não se consolidasse quando Jânio Quadros assumiu a Presidência da República, em janeiro de 1961. "Parecia que ele não gostava de Brasília", acredita. Em 1964, en-

tretanto, o medo desapareceu, pois era mais seguro para os militares manter a capital no interior. Mas a consolidação do Distrito Federal, na sua opinião, só aconteceu em 1970, com a transferência do Ministério das Relações Exteriores para cá.

Convivência

Nos primeiros 10 anos de Brasília, a convivência entre os moradores da cidade era muito próxima. Nos sábados, todos se encontravam na Cidade Livre. Todas as repartições públicas levavam seus funcionários para lá, pois era o local onde faziam-se as compras de comida e outros produtos. Com poucas opções de lazer, todos se encontravam nos poucos clubes inaugurados e nos dois primeiros cinemas da cidade: Cultura, na W3 Sul, e Brasília, no mesmo local onde até hoje permanece.

Havia também a cultura da carona. "Da mesma forma que hoje todos param para os pedestres atravessarem na faixa, naquele tempo todos ofereciam carona para quem precisasse de transporte", conta Dusi. "O transporte

público de Brasília sempre foi ruim, as concessionárias de automóveis ganharam muito dinheiro aqui", completa.

Com o crescimento da cidade, Dusi acha normal as famílias terem se distanciado um pouco. "Passamos a nos dedicar mais aos filhos e netos", justifica. Mas o pioneiro mantém amizades antigas, com pioneiros como ele. Sully, Celso Dávila, Milton Rabelo e Jorge Gouvêa são alguns deles.

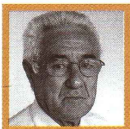
Depois de três anos no IAPI em Brasília, Dusi foi nomeado procurador, realizando o sonho de profissão de quando vivia no Rio de Janeiro. Permaneceu no órgão até 1986, tendo ocupado o cargo de chefe do Serviço Jurídico por cinco anos. Entre 1975 e 1987, também foi presidente da Junta de Recursos da Previdência Social do DF. De 1969 a 1987, trabalhou ainda como professor de Direito Processual Civil do Centro de Ensino Unificado de Brasília — Ceub. Apesar de não ser o advogado mais antigo da cidade, sua inscrição como membro da Ordem dos Advogados é hoje a mais antiga de um profissional ainda vivo — número 6.

“
 A CIDADE NÃO
 PARAVA, E ATÉ DE
 MADRUGADA OS
 CANDANGOS
 PERMANECIAM
 TRABALHANDO
 PARA QUE
 JUSCELINO
 KUBITSCHKEK
 INAUGURASSE A
 CAPITAL NO
 TEMPO
 PROGRAMADO

Raio X

Nome: Luiz Carlos Alvim Dusi
Origem: Guarani, Minas Gerais
Idade: 71 anos
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Advogado
Esposa: Marilda Nepomuceno Dusi
Filhos: André Nepomuceno Dusi e Marta Nepomuceno Dusi
Netas: Roberta, Laura, Rafaella, Luiza e Júlia

PIONEIROS



Raimundo Albuquerque de Pinho

Apesar das dificuldades, a busca por um sonho

STELA MÁRIS ZICA

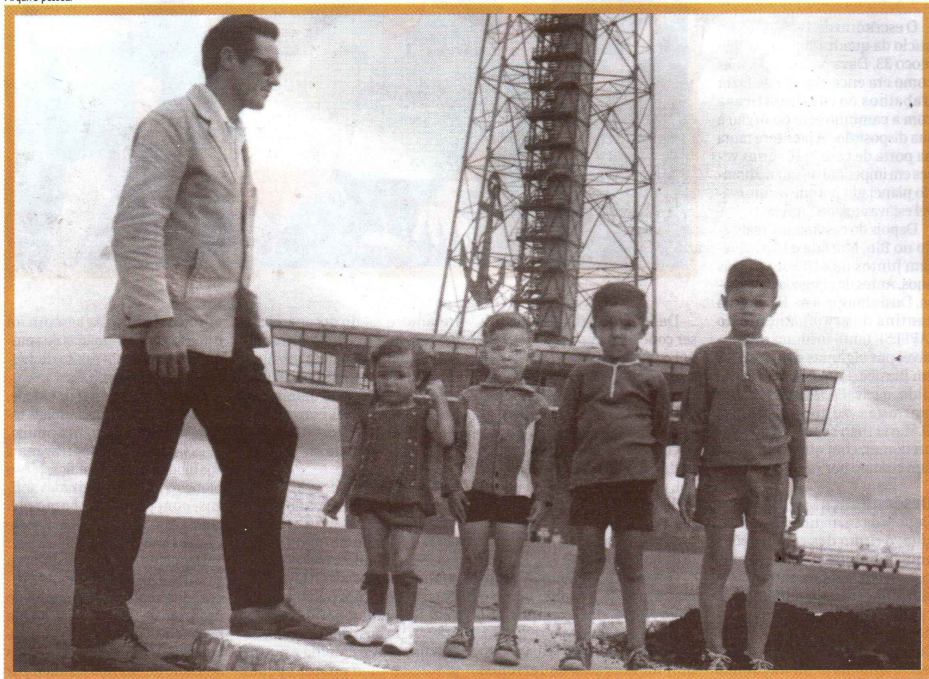
ESPECIAL PARA O CORREIO

A mudança para Brasília foi um sonho e ao mesmo tempo um desafio para o jovem cearense Raimundo Albuquerque de Pinho. A primeira vez que ele ouviu falar na cidade foi da boca do próprio Juscelino, em 1958. O presidente foi ao Ceará visitar as obras da Rodovia 020, que ligava Fortaleza ao Centro do país. O momento foi inesquecível. Ele nunca havia visto um presidente da República. "Foi também a primeira vez que vi um presidente chorar", garante o morador de Madalena — cidadezinha do sertão cearense —, que assistia a tudo de pertinho. "Os olhos de Juscelino Kubitschek encheram-se de lágrimas ao ver a miséria das famílias do sertão nordestino e que não tinham o que comer."

A afeição por JK e a paixão por Brasília nasciam naquele momento. Para completar, pouco tempo depois veio parar em suas mãos a revista *Manchete* que exibía na capa, em letras garrafas, a notícia sobre a construção da cidade, o que acabou empolgando ainda mais o cearense. "Ergue-se a cruz no Planalto", dizia a revista. A foto do sacerdote D. Carlos Carmello de Vasconcelos junto aos fiéis e alguns índios pendurados nas árvores do cerrado chamou a atenção de Raimundo. "Aquilo não saiu mais de minha cabeça", afirma.

No dia 7 de junho de 1959, decidido a se embrenhar pelo cerrado e a bordo de uma caminho-

Arquivo pessoal



nete, ele seguiu de carona de Madalena para Fortaleza, onde apanhou um ônibus que o levou até Divisa Alegre, no interior da Bahia. Meio sem rumo, teve de pedir ajuda aos moradores, que se mostravam alheios à construção da nova capital. Raimundo perguntava aos moradores que estrada levava para Brasília. "Muitos respondiam questionando se

Brasília era uma mulher", lembra o visitante. O jeito foi pegar o mesmo ônibus que o trouxe de Fortaleza e que o obrigou a descer em Governador Valadares, porque tinha como destino a cidade do Rio de Janeiro.

Do Vale do Aço, o sapateiro seguiu viagem num trem até Belo Horizonte. Para sua decepção, não havia ônibus para Brasília de-

vido às más condições das estradas e dos longos trechos ainda em construção. Mas a sorte estava ao lado do pioneiro, que acabou pegando carona num caminhão lotado de tambores de asfalto que seguia em direção ao cerrado. "Eram sete caminhões, mas só iam até Paracatu. De lá tive que pegar carona até o balão do aeroporto", recorda Raimundo.

COM QUATRO DOS DEZ FILHOS EM VISITA À TORRE DE TV

A surpresa da chegada

A cidade que ele sonhava conhecer não tinha nada a ver com aquela estampada na revista. O esqueleto metálico dos primeiros ministérios e o Congresso Nacional se erguiam juntos à poeira do

PIONEIROS

Ele veio para Brasília em 1959, achando que a cidade já estava construída. Apesar da poeira e da impressão ruim, trouxe a amada e formou família

A SATISFAÇÃO DE VIVER NA CIDADE É COMPARTILHADA COM SUA NUMEROSA FAMÍLIA



cerrado. Foi tudo o que ele viu ao descer do caminhão. "Foi um tremendo engano. A revista havia mostrado uma maquete do que seria a cidade. Na realidade não havia nada daquilo", conta.

A surpresa da chegada foi quase uma decepção. "Era esta a Brasília com a qual eu havia sonhado e que agora começava a conhecer e teria que me familiarizar. E não a cidade cheia de prédios suntuosos da reportagem", descreve o escritor em um de seus livros.

Longe de casa, dos amigos e da família, o jeito foi se aboletar na Pensão do Português, na Terceira Avenida da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). O aglomerado de barracos, construídos em tábuas, o frio e a solidão do local faziam aumentar ainda mais a saudade do Ceará. "Entrei para o quarto que me havia sido reservado e senti rolar as lágrimas mais amargas e quentes que já me banharam o rosto", conta o pioneiro.

Do lado de fora, os alto-falantes na avenida avisavam da necessidade de mão-de-obra para o trabalho. "Precisa-se de cem serventes", ou "precisa-se com urgência de 20 motoristas", anunciavam. Foi assim que Raimundo ingressou nas obras. Rapidamente ele se apresentou ao Departamento de Viação e Obras da Novacap, na Candangolândia. Seis dias após sua chegada ao cerrado, já era fichado como auxiliar de laboratorista de solos e asfalto.

O ritmo de trabalho era intenso. Raimundo trabalhava de segunda a sábado, dia e noite. Em compensação, tinha comida e transporte de graça. Conforto nenhum. O banho gelado fazia aumentar ainda mais a sensação de frio. Depois de passar quinze

dias na Pensão do Português, o pioneiro foi morar na Candangolândia. A luz elétrica era uma novidade que se contrastava com a poeira e a rusticidade do cerrado.

Trabalho e glamour

A promoção de auxiliar para laboratorista de solos e asfalto numa firma responsável pela terraplanagem e pavimentação do aeroporto trouxe estabilidade ao desbravador. "Pedi seis dias de licença e fui pra Madalena buscar minha amada", conta Raimundo. Voltou casado e bem disposto a começar uma nova vida, ao lado da esposa Terezinha.

A vida a dois lhe rendeu dez filhos e uma grande admiração por Brasília. "Na verdade foi a Terezinha que me fez gostar de Brasília, pois tive muita dificuldade de me adaptar à cidade, apesar de ter morado um longo tempo no interior de São Paulo e do Paraná", afirma.

Os cajueiros do Planalto Central não eram tão frondosos como o do Ceará, mas os cajus, nas mãos prendadas da esposa, rendiam doces deliciosos. "A Terezinha fazia o melhor doce do mundo com aqueles frutos", lembra Raimundo, que algumas vezes chegou a dividir a coelhita de cajus com algumas

“ ERA ESTA A BRASÍLIA COM A QUAL EU HAVIA SONHADO E QUE AGORA COMEÇAVA A CONHECER E TERIA QUE ME FAMILIARIZAR. E NÃO A CIDADE CHEIA DE PRÉDIOS Suntuosos DA REPORTAGEM ”

emas nas proximidades do Palácio do Buriti.

O jardim, em volta da casa, cultivado pelo casal, era comparado a um paraíso. Sob o luar do

céu de Brasília, Raimundo e Terezinha aguardavam ansiosos pela chegada do primeiro dos dez filhos. Juscelino, assim chamado em homenagem ao presidente.

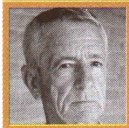
Algumas lembranças vão ficar para sempre na memória do pioneiro, como a chegada de personalidades à nova capital, enquanto trabalhava nas proximidades do aeroporto. "Eu vi bem de perto a chegada de Yuri Gagarin — primeiro homem a pisar na lua —, do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, do rei da Etiópia, Haile Selassie, do general Charles De Gaulle, e vi também rapidamente o Che Guevara", lembra Raimundo, que assistiu, por duas vezes, à chegada emocionada da Seleção Brasileira. Os olhos do ex-sapatiteiro atentavam sempre para o traje e os pés dos visitantes, quase sempre de solado grosso.

Como os jornais sempre noticiavam a chegada de gente importante à cidade, ele se posicionava no melhor lugar para não perder nada. "Para nós, que trabalhávamos na construção do aeroporto, era a janela por onde víamos com grande curiosidade aqueles mitos ou monstros sagrados da história, antes apenas vistos pelos jornais e revistas", conta o escritor.

Raio X

Nome: Raimundo Albuquerque de Pinho
Idade: 73 anos
Origem: Madalena, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado e escritor
Esposa: Terezinha Teixeira Albuquerque
Filhos: Juscelino, Francisco, Sérgio, Marcelo, Marclio, Simão, Alexandre, Francisca, Nara e Neusa
Netos: Felipe, Caio André, Kin Rafael, Leonardo, Vinícius, Sabrina, Bárbara, Andressa, Luana, Camila, Marcela e Matheus

PIONEIROS



Walter Bertolucci

Uma vida de trabalho e alegria na nova capital

Reprodução do livro *A epopeia da construção de Brasília*



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Ainda na cidade mineira de Uberaba, o mecânico Walter Bertolucci via caminhões passarem com a placa indicando o rumo da viagem: nova capital. Assim era designada Brasília nos idos de 1957, três anos antes de ser inaugurada e transformada, então, de fato na nova capital do Brasil. Sempre de olho nas placas, a curiosidade de Walter ia aumentando cada vez mais. Junto com a curiosidade havia a certeza de que o futuro na cidade era bem mais promissor. Afinal de contas, os mercados mineiro e paulista no ramo da mecânica de automóveis estavam cada vez mais inchados, ao contrário do brasileiro. “Aqui havia apenas uma certeza: a de que muito trabalho nos esperava”, confirma Walter.

Dessa forma, um ano depois de as placas se tornarem mais frequentes, em julho de 1958, Walter Bertolucci decidiu que seria mesmo um pioneiro. “Um amigo estava com o Land Rover dele quebrado e não tinha dinheiro para consertá-lo. Como ele estava vindo para cá, propus dar o conserto em troca da corona”, conta Walter, ressaltando que a troca foi imediatamente aceita. E assim Brasília ganhava mais um pioneiro, um dos únicos a se arriscar na área da mecânica de automóveis e, principalmen-

te, de caminhões. O mercado era tão bom que, em menos de cinco meses, Walter passara de empregado a sócio de uma oficina mecânica na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). “Morar na Cidade Livre era muito bom por causa da vizinhança e de estarmos, como o próprio nome da cidade já indica, livres do pagamento de impostos”, diz o mecânico.

Além de local de trabalho, a oficina de Walter servia também como moradia dele e da esposa, Maria Aparecida, que veio ao encontro do marido menos de oito meses depois da chegada dele

em solos brasileiros. “Naquela época, era muito difícil morar em Brasília. Não havia nem água nem energia elétrica para todo mundo, mas havia trabalho e precisávamos disso. Não podíamos deixar a oportunidade passar. Depois, fomos nos apegando à cidade, e antes mesmo da inauguração já brigávamos por Brasília”, conta Walter.

A falta de energia elétrica era suprida pelos Bertolucci por meio do gerador próprio que a oficina de Walter tinha e que abastecia também os vizinhos mais próximos. Já a água não era

conseguida tão facilmente. “Os meus trabalhadores iam tomar banho em bicas na Candangolândia e traziam galões de 200 litros de água no caminhão. Quem quisesse tomar banho quente tinha que esquentar água na chaleira”, lembra Walter, que chegou a manter em sua oficina cerca de 12 empregados. Todos trazidos de Minas Gerais e moradores da oficina. “Para caber todo mundo eu colocava beliches nos quartos, que iam quase até o teto”, diverte-se.

Uma das grandes paixões de Walter Bertolucci sempre foi ca-

NO TEMPO EM QUE WALTER VEIO PARA A NOVA CAPITAL, AS PESSOAS CHEGAVAM EM CAMINHÕES À CIDADE LIVRE

minhão. Por isso, não demorou muito para que ele virasse praticamente um especialista nesse assunto. Como a cidade ainda estava em construção, muitos eram os caminhões transportando materiais como areia e cimento que chegavam a Brasília. “Como o peso carregado nesses caminhões era muito grande, o eixo

PIONEIROS

Curioso com o destino dos caminhões que passavam por sua cidade rumo à nova capital, Bertolucci decidiu sair do saturado mercado mineiro para tentar a vida em Brasília

“
**NAQUELA ÉPOCA
 ERA MUITO
 DIFÍCIL MORAR EM
 BRÁSILIA. NÃO
 HAVIA NEM ÁGUA
 NEM ENERGIA
 ELÉTRICA PARA
 TODO MUNDO,
 MAS HAVIA
 TRABALHO E
 PRECISÁVAMOS
 DISSO. NÃO
 PODÍAMOS
 DEIXAR A
 OPORTUNIDADE
 PASSAR. DEPOIS,
 FOMOS NOS
 APEGANDO À
 CIDADE, E ANTES
 MESMO DA
 INAUGURAÇÃO JÁ
 BRIGÁVAMOS POR
 BRÁSILIA**”



BERTOLUCCI GOSTA DE MANTER A FAMÍLIA TODA PERTO DELE. A PRIMEIRA FILHA NASCEU ANTES DA INAUGURAÇÃO DA CIDADE

de muitos deles não agüentava e acabava quebrando”, conta Walter, que não tinha a ferramenta elétrica para consertar tal problema, mas não se acanhava. “Consertei muito eixo usando ferramentas manuais mesmo”, orgulha-se o pioneiro. Em um desses consertos, Walter teve que se valer de toda a sua veia aventureira, pois o caminhão quebrado estava dentro de um riacho e a correnteza era grande. “No início falei que não ia, mas o dono do caminhão insistiu tanto e arrumou uma corda para me amarrar que eu acabei topando e fazendo o serviço ali mesmo”, lembra.

Em outra ocasião, Walter quase pôs a perder toda a carga de um caminhoneiro, que o chamou para acompanhá-lo até Luziânia. “Enquanto estávamos sem o carregamento, tudo bem. Mas na primeira subida com o caminhão carregado, o carro quase desceu por causa do peso. O dono da carga saltou do carro e pôs uma pedra para o caminhão não descer até que eu conseguisse sair”, lembra Walter, que garante ter avisado ao amigo que, aos 22 anos de idade, não sabia dirigir caminhões muito bem.

Mas o maior orgulho de Walter é mesmo ter atendido Juscelino Kubitschek duas vezes em sua oficina. Na primeira, em 1961, o ex-presidente ia inaugurar uma obra em Taguatinga — cidade-satélite onde Walter passou a morar naquele ano — e precisava de um carro para desfilarm pela cidade. Mas não podia ser qualquer carro, tinha que ser um conversível. Coube a Walter a tarefa de arranjar um Barata 59 que caiu como uma luva para a ocasião. Na segunda vez, o ano já era 1963 e Juscelino precisava ir de Brasília para o Rio de Janeiro, mas não queria parar muitas vezes na estrada. “Tive a honra de ser procurado por JK para aumentar o tanque de gasolina do carro dele”, lembra Walter, com muito orgulho. Aliás, o contato com políticos era freqüente por um mecânico, pois era a oficina dele que prestava serviço para as três Forças Armadas e para vários ministérios também.

Além da bela trajetória profissional — Walter foi o fundador da WB Bertolucci, uma das primeiras empresas registradas em Brasília e a família Bertolucci até hoje está no ramo —, Walter se orgulha

muito de ter constituído sua família aqui em Brasília, cidade onde nasceram e moram seus oito filhos e oito de seus 11 netos. “Os outros três só não estão aqui porque moram fora do Brasil. Gosto de ter minha família perto de mim”, afirma. O pioneiro gosta de frisar que sua primogênita, Marilda, nasceu na Cidade Livre antes mesmo de Brasília, em dezembro de 1958. “Ela foi uma das primeiras crianças a nascer aqui, mas foi registrada em São Paulo porque Brasília não tinha cartório”, conta. Não tinha cartório nem um hospital bom para fazer partos, vale ressaltar. “Minha esposa começou a passar mal à noite e eu saí desesperado pela rua procurando ajuda até encontrar a casa de um médico, que foi quem fez o parto lá em casa mesmo”, conta Walter, que ainda teve outros dois filhos fora de hospitais. “Apesar de todas as dificuldades, tenho certeza que fiz a escolha certa ao vir para Brasília”, afirma Walter, acrescentando que a receita para que tanto a vida pessoal como a profissional deslançassem em Brasília gira em torno do trinômio competência, simplicidade e perseverança.

Raio X

Nome: Walter Bertolucci
Idade: 68 anos
Origem: Uberaba, Minas Gerais
Profissão: Mecânico e comerciante
Estado civil: Casado
Ano de chegada a Brasília: 1958.
Esposa: Maria Aparecida Bertolucci
Filhos: Marilda, Marilza, João Carlos, Ricardo, Malaquize, Marcelo, Eliane e Maria Luiza.
Netos: Daniel, Pâmela, Rafael, Liceli, Breno, Victor, Isabela, Frederico, Luiz Eduardo, Jéssica e Bruna

NA OPINIÃO DO OSVALDO, A CONTRAPARTIDA DO CARTÃO SOLIDARIEDADE PARECE MAIS UM SEGUNDO BENEFÍCIO.

O Osvaldo estava no aperto e decidiu se inscrever no Renda Solidarieidade. Seu cadastro foi aprovado; mas, para receber o Cartão e os R\$ 130,00 mensais do GDF, ele teve que frequentar as aulas do **programa de alfabetização Eu Quero Ler!**. O Osvaldo topou o desafio e foi à luta. Hoje, ele faz parte das primeiras 35 turmas do Eu Quero Ler! e é um dos 1.050 alunos que vão se formar agora em março. O próximo passo do Osvaldo vai ser batalhar empregos melhores e sustentar sua família sem ajuda do governo. Se depender de determinação, vai ser fácil, porque isso o Osvaldo tem de sobra. A prova é que ele nunca faltou à aula e foi o primeiro da turma a aprender a ler e escrever.

EU QUERO LER! E CARTÃO SOLIDARIEDADE.
VOCÊ PRECISA FREQUENTAR O PRIMEIRO PARA RECEBER O SEGUNDO.

